

---

## Bloch: Materialismo e Esperança

---

Ugo Borghello\*



---

O fim que Bloch se propõe no livro que tomamos como objeto de análise: ATEÍSMO EN EL CRISTIANISMO. "EL QUE ME VE A MI, VE AL PADRE"<sup>19</sup> (1), é demonstrar, partindo do pressuposto implícito da verdade da visão marxista da realidade, que a religião cristã é, em substância, parte integrante e expressão dessa verdade e, portanto, da mesma realidade materialista.

Qual é o método seguido para chegar a esta conclusão? À parte da exegese muito SUI GENERIS que Bloch fez da Bíblia na obra que constitui o objeto de nossa atenção há que ter presente a filosofia própria do autor, expressa de modo mais exaustivo em seu livro PRINZIP HOFFNUNG<sup>\*\*</sup> (+); aqui só podemos oferecer um brevíssimo resumo do mesmo.

Constata-se, antes de tudo, a presença no homem de uma consciência antecipadora, que Bloch descreve amplamente com método fenomenológico. Em múltiplas formas o homem se abre a desejos, projetos e sonhos que buscam antecipar nosso futuro e nos abrem a este. Trata-se de um verdadeiro sonhar acordado, muito

---

\* Doutor em Sociologia pela UnB; Professor da Faculdade de Ciências Sociais da UFG – Universidade Federal de Goiás.

<sup>19</sup> Título original: *Atheismus im Christentum. Zur religion des exodus und des reiches*. Suhrkamp verlag, Frankfurt. As citações estão tomadas na edição italiana. Feltrinelli, Milão, 1971. (Título em português: *O Ateísmo no Cristianismo*. N. do T.).

<sup>\*\*</sup> BLOCH, E. *Das Prinzip Hoffnung*, 3 vols. Berlim, 1954-1959. Título em português: *O Princípio Esperança*, publicado no Brasil pela editora Contraponto (N. do T.)

diferente dos impulsos inconscientes, dos sonhos noturnos, dos desejos reprimidos e esquecidos que povoam, segundo Freud, nosso inconsciente. sonho noturno é sempre uma volta atrás; o sonhar acordado, ao contrário, é uma antecipação, uma utopia, uma abertura da imaginação, signo evidente de uma força até agora não bem definida que nos põe em movimento. O sonhar acordado - verdadeiro motor de todo projeto político e de todo o progresso do homem - não pode ver do inconsciente, sendo ele ainda-não-consciente. Segundo Bloch, é necessário postular, além da consciência - descoberta desde há muito tempo - e do inconsciente - explorado em época recente -, o ainda-não-consciente, que até agora havia passado despercebido.

O marxismo seria o primeiro a ter introduzido a noção de futuro na visão teórica e prática da realidade; só no marxismo a utopia (o sonho irrealizável) se concilia com a realidade, fazendo-se utopia concreta, esperança.

Porém, precisa-se de uma fundamentação ontológica: a imaginação antecipadora não pode contactar com a realidade se não tem uma correspondência com esta. Não poderia dar-se um processo de desenvolvimento imanente no mundo se este permanecesse imutável e preso em si mesmo. Na forte polémica com o positivismo e o materialismo mecanicista e determinista, Bloch afirma a presença da categoria de possibilidade e a novidade na matéria: está aqui o correlato ontológico da imaginação utópica.

P. Masset sintetiza bem o pensamento expresso no PRINZIP HOFFNUNG: "O ato que se realiza implica o momento do ainda não realizado. Por isso, a utopia concreta, a esperança, é realista, muito mais realista que o positivismo e o racionalismo, para os quais o mundo todo está dado, seja factualmente, seja, como em Hegel, na forma de predestinação. O marxismo é a CIÊNCIA NOVA do mundo porque é a ciência do novo, do futuro, do real como acontecer e do trabalho como transformação da realidade. O marxismo já não se apóia no passado; o novo ponto de apoio de Arquimedes é o futuro, o novo que ascende ao ser mediante o trabalho do homem. Bloch estuda detidamente a categoria de possibilidade - a mais desentendida, disse, pela ontologia, que só havia considerado como determinação do conhecimento, não do objeto - e as categorias anexas: o ainda-não o nada e o tudo. Bloch distingue o possível puramente formal, o possível fático, o possível conforme a estrutura do objeto real - que oferece o fundamento para a esperança humana. Permite definir a matéria mesma como abertura ao futuro e em perpétua tensão, de sorte que o ato de realização e o próprio sujeito realizante não cessam de reiniciarem constantemente"<sup>20</sup> (2). Bloch se distancia de todos aqueles que tendem a ler o futuro no passado, como os estóicos, Spinoza, Leibniz e, sobretudo, Hegel, a quem considera mais um evolucionista que um dialético

---

<sup>20</sup> MASSET, P. *Esperanza marxista, Esperanza cristiana*. Roma, Ed. Ave, 1978 - págs. 39-40.

do NOVUM. Se distancia também dos vitalistas e do Bergson, que vêem o real como impulso vital imprevisível e anárquico: onde tudo muda sem mudar nada. Se apóia, ao contrário, em Aristóteles, o primeiro a ter reconhecido a possibilidade ao nível do real e concretamente na matéria. A matéria, para Aristóteles, é um ser em possibilidade (katá tō dynatōn), e neste sentido é o limite de toda formalidade; mas é também um ser em potencialidade (dynamēi òn), e dizer, o seio fértil, "o centro inesgotável de que surgem as figuras do mundo"; é "o aspecto luminoso", "lá se faz a esperança", das possibilidades reais da matéria. Neste sentido, o evolucionismo parece realmente superado; o "ser em possibilidade", o "ainda-não-ser" da matéria, segundo Aristóteles, não é princípio determinante da evolução, sendo possibilidade de mudança e incremento que pode passar ou não ao ato<sup>21</sup> (3).

Sem embargo, para Aristóteles, a potencialidade tem necessidade do ato para realizar-se e a matéria permanece indeterminada sem a forma; isto postula uma articulação metafísica bem precisa, com um transcender real do ato concernente à potencialidade, sem que seja no ser contingente uma redução de um elemento ao outro, como se dá, ao contrário, em uma filosofia não metafísica (como são tanto o materialismo como o idealismo, onde as articulações, quando se admite, são só diferentes expressões de única dimensão determinante). Bloch se refugia na dogmática marxista: "Bastará substituir o ser em potencialidade aristotélico, fértil, todavia passivo, pela matéria dotado por si mesma de movimento espontâneo e dialético, para desembocar ao materialismo dialético e histórico do marxismo. Então, pensa Bloch, torna-se possível a inserção do trabalho humano no processo da dialética da matéria, segundo Marx: "então, o tudo utópico, o último ainda em devenir, aparece como o mais real do real, o horizonte do mundo"<sup>22</sup> (4).

Para Bloch, a matéria atualmente inacabada chegará a sua plena realização futura, que constituirá em relação ao movimento precedente e atual não só um avanço e melhoria quantitativa, sendo um verdadeiro salto de qualidade; a realidade encontrará sua plena identidade por obra da "mater-ia", mãe de todas as coisas, que produzirá aquele dia de suas próprias entranhas e de sua capacidade geradora de que tudo procede. Sem embargo, o processo não está assegurado; pode desembocar no tudo, porém pode também cair no nada. A identidade homem-natureza também pode fracassar. O possível, com efeito, ainda sendo algo real, não ainda realizado. Os marxistas devem, portanto, estudar as condições de possibilidade do real (o que Bloch chama de "corrente fria" do marxismo), porém devem também abrir-se com valentia ao futuro (a "corrente quente" do marxismo).

---

<sup>21</sup> Cf. BLOCH, E. *Gli strati della categoria del possibile*. In: *Filosofi tedeschi d'oggi*. Bolonha, Il Mulino, 1967, págs. 68- 69.

<sup>22</sup> MASSET, P. ob. cit. p. 41.

Bloch se afasta de um certo determinismo marxista que reduz a alienação do homem à alienação econômica e que contempla tudo como processo já determinado. Até justificar a inevitabilidade de um poder estatal totalitário que se apresenta como intérprete do processo histórico, segundo uma imanentização da providência divina, já teorizada por Hegel. A esperança marxista, na ótica de Bloch, não autoriza o otimismo passivo da fé automática no progresso nem no pessimismo absoluto. A esperança marxista fundo o "otimismo militante" frente ao processo e desenvolvimento do mundo, mediante a utopia, na parte mais avançada e agira do ser da matéria em movimento. Para ele, deve-se articular o sujeito e o objeto (porém, sem poder justificar tal articulação a nível teórico, dado que isto é impossível sobre a base materialista e, portanto, monista), incluídos um no outro no processo da dialética da matéria.

Na ótica imanentista e materialista, a inicial dicotomia entre consciência antecipadora e categoria ontológica da possibilidade, que funda a novidade futura não evolucionista, deve reduzir-se necessariamente a uma ou a outra. Com uma premissa materialista, á claro que tal redução se faz a favor da matéria objetiva, que engloba a tomada de posição subjetiva (...) esta potência imanente da matéria é ela mesma matéria e empurra toda a realidade para a frente. Daí a íntima aspiração do homem à felicidade e à plena auto-realização; porém, este desejo, dadas as limitações e a realização incompleta do momento presente (e do passado), constitui, precisamente por não estar, a razão mais profunda, ontológica e não somente econômica e sociológica, de toda a alienação.

O desejo não satisfeito de perfeição impulsiona o homem a sublimar, em concepções fantásticas e puramente imaginárias, até que ponto perfeito, total e completo está em seu desejo e em sua força de interna, exteriorizando-o em sujeitos e realidades estranhas. A idéia de Deus, por exemplo, seria fruto desta tentativa de antecipar pela imaginação a futura auto-realização do homem e da matéria, por via da alienação. Toda religião, e a religião cristã em particular, é ilusão e fantasia. Porém, a exigência que a determina seria, ao contrário, manifestação e expressão (se bem que alienada) dessa potencialidade de realização interna da matéria e, portanto, da esperança humana conseqüente.

Portanto, a religião cristã, na análise de Bloch, apresenta-se como manifestação e prova do princípio da potencialidade da matéria, de esperança derivada deste princípio e, por isso mesmo, definitivamente, da visão materialista e marxista da realidade.